

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:  
ARO. JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:  
JOAQUIM DO SOUTO

REDACTORES:

ANTÓNIO GAIO  
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR

Higino Augusto Dixes

PROPRIEDADE

DA  
A. A. E.  
(SECÇÃO CULTURAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
(Provisória)

RUA 20-361-ESPINHO

## PRIMEIRA FILA

Pedras toscas para a  
construção duma  
choupana humilde

III

A vida é um grande oceano de egoísmos, com alguns oásis flutuantes de ternura humana. Sempre que o egoísmo pode, esmaga a ternura, submerge-a no torvelinho das suas vagas, despedaça-a entre as suas garras poderosas.

A ternura, porém, é como aquelas flores que teimam em se não deixarem vencer, e que a despeito de todos os despotismos que as cercam, mesmo sobre o lodo dos monturos, ou entre as fendas das rochas inhóspitas, vicejam, crescem, cantam e florescem.

O caminho da ternura é, portanto, um bom caminho. Não é o único bom caminho, bem sei, mas é incontestavelmente um bom caminho!

\*

Não. Não é bem como muitos pensam. Pelo menos não é bem como muitos pretendem afirmar.

Aqueles que já encontraram o seu bom caminho na vida — o caminho que ruma à certeza absoluta e à Verdade — seguem por ele, num encantamento, e nunca voltam à encruzilhada hostil onde ficou a legião dos indecisos.

Não! Quem vai tão seguramente pelo seu caminho da certeza absoluta, não se preocupa tanto com justificações perante os que ficaram a pisar a lama dos maus caminhos.

O que volta atrás, a procurar arregimentar companheiros para a viagem, é porque não tem ainda a certeza absoluta de que se ufana aos olhos dos outros.

Voltar atrás é incerteza, é dúvida, é a confissão absoluta de que não é absoluta a sua fé no caminho que pisa.

\*

Opiniões quem quer as tem. Todos nós temos opiniões, boas umas, aceitáveis outras, condenáveis muitas mais. Eu respeito

Continua na pág. 3

## EDITORIAL

### A Crítica e a Unidade Espinhense

Desde o seu aparecimento, em Julho de 1947, o *Boletim*, actualmente crismado de *Rumo*, tem seguido sempre a mesma orientação inicial, que sob a actual Direcção não mudará uma linha sequer da sua conduta. Essa orientação uniforme, não está ainda perfeitamente compreendida, apesar do tempo passado sobre o seu regular aparecimento. Os nossos leitores, os nossos conterrâneos e especialmente os indivíduos ou entidades criticadas não se aperceberam, ou lhes é incómodo perceber-lo, da feição e características das diversas rubricas do nosso jornal. E embora o consideremos pouco lisongeiro não podemos, uma vez mais, deixar de esclarecer que o *Rumo* inclui secções de índole diversa em que o tratamento de um mesmo assunto toma e foca diversos aspectos. Assim, um mesmo assunto integrado no «Editorial» e na «Voz dos Terríveis» possui forçosamente determinadas características. Embora a base seja comum, o seu desenvolvimento, diremos até o seu «estilo», será completamente diverso. No «Editorial» a crítica encerra o ritmo da orientação geral do jornal. Na «Voz dos Terríveis» o assunto é tratado num estilo caustico que deve receber do leitor a consideração equivalente. Pareceu-nos, talvez enganosamente, que era simples a percepção de tais diferenças. Contudo, dadas as reacções ultimamente pressentidas temos várias hipóteses a pôr em equação. A primeira filia-se em que há notória falta de hábito em admitirmos críticas aos nossos actos, o que deve ser consequência da ausência, que dura há muitos anos, de um órgão regional verdadeiramente independente. Esta falta de hábito foi criando raízes, e dando lugar a um circulo vicioso onde se misturam os valores com as nulidades, numa amálgama que afinal só prejudica aquilo que se pretende, a Unidade Espinhense. A segunda hipótese poderá procurar-se na megalomania da auto-infalibilidade de alguns homens que, divinizados pela mentira, se babam de gozo perante afirmações públicas de louvor, traçadas sempre em ligação com dependentes oulouvaminheiros. E, finalmente, entre muitas outras, poderemos ainda inserir aqui a hipótese de que apareceu mais uma

Continua na pág. 2

## BODAS DE OURO

Aproxima-se a passos largos o ano de 1949, no qual o Concelho de Espinho completará 50 anos de existência. O nosso jornal, representante da juventude de Espinho, essa dinâmica e entusiástica parcela de Espinho, não podia evidentemente ficar inactiva ou desinteressar-se de tão jubilosa data. E como é louvável e conveniente a procura ou

manifestação de ideias tendentes a emprestarem às Comemorações o maior brilho e eclétismo, a seguir indicamos algumas sugestões que podem ser aproveitáveis:

Para se iniciar o plano geral e dar começo aos trabalhos a Câmara Municipal, constituiria uma Comissão de

Continua na pág. 5

## CONHECIMENTO FÍSICO

Sua forma e seu âmbito

O nascimento da Física pode situar-se na recuada época em que pela primeira vez o homem notou que os fenómenos do mundo que o cercava não se passavam ao acaso.

A observação do sucedido nesse mundo inanimado, mostrou-lhe que os fenómenos estavam associados de certa maneira a causas ou circunstâncias que os precediam ou acompanhavam.

Desde esse momento o homem sentiu-se capaz de, pela observação das causas prever os efeitos.

A princípio com timidez, depois com maior clareza e ampliando cada vez mais o seu campo de acção, foi estabelecendo razões, enunciando regras e finalmente deduzindo leis, que traduziam com relativa exactidão o padrão dos fenómenos.

Estavam lançados os alicerces da física. E logo no espírito do homem surgiu o desejo de acrescentar ao conhecimento do padrão, o conhecimento do tear que tecia esse padrão.

Por outras palavras — não se contentando em saber como se passavam as coisas quiz também saber porquê se passavam assim e não de outra maneira.

Desse desejo resultaram as sucessivas tentativas de explicação do universo físico.

Inicialmente o homem atribuiu às coisas inanimadas, poderes que às mesmas davam a capacidade de, por sua própria vontade, produzir os fenómenos observados.

Está-se então na fase «animista» da Física, em que o homem povoa o universo de Deuses e espíritos ligados ou identificados com partes da matéria e a quem procura conciliar com preces e sacrifícios.

Mais tarde, tendo reconhecido a inviabilidade dessa «explicação», despersonifica os deuses criados e concebe em seu lugar forças e potências quase tão ocultas como

Continua na pág. 9

## ANGOLA

Continuado da pág. 4

dura só até ao desembarque. Como que por encanto, surge aos nossos olhos uma paisagem nova, colorida, alegre, que nos seduz. As ruas, amplas, extensas, algumas. Já com muita arborização, como, por exemplo, a avenida principal, com um belo jardim ao meio, em quase toda a extensão. A linda praça. Os belos edifícios particulares. O magnífico Cine-Teatro, de construção muito recente. O hospital. Os hotéis. A Igreja. O Aero-Club. O Club Náutico, com o seu bom «corte» de ténis em cimento. As sedes das agremiações desportivas (o edifício do Sporting local é dos melhores que temos visto em colectividades desportivas). O Estádio Municipal. A Torre do Tombo onde vive a maioria dos pescadores. A cidade dos pretos, já fora de portas, com a sua igreja. As «Hortas», as celebradas «Hortas» de Moçâmedes, que traduziremos para Quintas, pois, são na verdade pequenas quintas, muito bem arranjadas, muito alegres, que fornecem a cidade de tudo quanto é indispensável: os frescos, de muitas e saborosas qualidades, as bananas, as goiabas, as maçãs, as pêras, os melões, as uvas, a carne de porco e de vaca, o leite, etc., etc.

A gente de Moçâmedes é sociável. Aos domingos, à tarde, das 7 às 8 horas (precisamente 1 hora!) as lindas moças e os rapazes estão no Aero-Club e dançam animadamente. No Club Náutico (chamam-lhe também o Casino) realizam-se algumas festas muito interessantes e no seu grande e acolhedor salão se juntam algumas das individualidades mais gradas da terra (bem sei, bem sei, também se juntam na farmácia...) e lá se joga o bilhar, o ping-pong, o bridge, o «infalível» sintético, o mah-jong e outros jogos mais...

A temperatura de Moçâmedes é agradabilíssima, muito semelhante à de Espinho. Máxima: 33 graus!

Possui Moçâmedes um bom jornal, «O Sul de Angola», que é superiormente redactado pelo brilhante jornalista Pimentel Teixeira, o incansável propugnador das coisas de Moçâmedes, cuja jóia principal e universalmente conhecida é essa esquisita «Welwitschia Mirabilis», rainha incontestada do encantador desenho do Namíbi!

A. O.

## A Crítica e a Unidade Espinhense

Continuado da pág. 1

crítica, a «Crítica Decorativa», eivada de preciosismo e cuidados especiais tendentes a decorar e polir exteriormente os pódres sociais. Em nosso entender, parece ser esta a única crítica (?) agora aceita por nossos conterrâneos, visto que basta um título vago de hipócritas ou despeitados para apontar os viciosos, e um não menos vago «leva-se ao conhecimento» para apontar quem não merecia outra coisa que não fosse uma crítica honesta e construtiva.

Não é com silêncios cómodos, nem com críticas decorativas, que se consegue a unidade na variedade e a variedade na unidade, que são, segundo Newton, alei suprema do Universo.

CARTA  
à D. Deolinda P. de Sousa Gomes

Dona Deolinda:

Não fora o venenozinho, a insídia e o cunho, nada próprio de revista feminina, do estilo do seu interesse arrazoado «A Voga e os juízos suspeitos», e eu não faria mais do que votar ao ostracismo do «pindérico», do ridículo e do insignificante a renitência com que a Dona Deolinda, preclara Directora da «Voga» — a revista portuguesa para todos, «única no género» e a de maior expansão — teimou e veio defender uma situação de intolerável «horizontalidade», criada com a já célebre reportagem sobre a praia famosa da Costa Verde! Já se falou demasiado, talvez, nessa reportagem, sempre com justiça e propriedade, porquanto ela foi daninha, rasteira e insultuosa para Espinho!

Aqui para nós, Dona Deolinda, que ninguém nos ouve: olhe que nem mesmo aquele «encapachinhado» — sem fanais! — boticário Bexiga, de Loures, que injectava água salgada por estrepomicina e penicilina, foi mais falado e criticado do que a reportagem sobre Espinho... e o senhor Armando Crespo, da revista da Dona Deolinda!

Ora bem, Dona Deolinda, aqui tem perante a sua forte e vigorosa personalidade de mulher de «letras e receitas para todos», o tal C das «manifestações de cozinhados jornalísticos», o C do «simbolismo — com s ou com c?... — de formulário apetitoso» que a Dona Deolinda, sempre gentil e atenciosa, teve a maçada de «escaqueirar» com a sua caneta — talvez uma «Aska 61», não, Dona Deolinda? — no artigo «A «Voga» e os juízos suspeitos!»

Perdeu, no entanto, tempo e feito, Dona Deolinda, porque o C dos «cozinhados» não vai em quaisquer futebois, em especial nos de qualquer revista feminina para todos, alguma revista-capicua, não?... Aos «fanais», impetuosa de intensidade tão luminosa, que a elucidaram com tanta meiguice, de referências e esclarecimentos, deve, na verdade, a Dona Deolinda agradecer com afectuosidade e gratidão!

Quanto ao seu artigo, o tal C, aliás o correspondente do jornal «Diário de Coimbra», um diário sério, conceituado e regionalista, em noticiário desta Praia, em 24 de Setembro p. p., «rotu-

lou» o assunto com este título significativo «Como se faz propaganda de Espinho». Achei e continuo a achar esquisito que uma revista feminina se entretenha e abalance a consagrar páginas à Praia de Espinho, uma Praia que escusa bem de andar a ser propagandeada juntamente com antigos campeões de ciclismo, jazz-bandistas e exportadores de crustáceos-miniaturas! Nisto é que não há divergências, não acha Dona Deolinda?

Bem sei, e toda a gente sabe, que essa «reescapagem» — caramba, de falar em ciclismo, troco reportagem por reescapagem! — foi bem adivinhada e bem urdidinha, pois que o vil metal encaixado ultrapassou, em prazer e frenez, o descabro e a «pepineira» dessas mal alinhavadas páginas!

Não houve sòmente falta de escrúpulos na elaboração e orientação dessa reportagem, considero que foi apenas de publicidade redigida ao serviço duma empresa o que Dona Deolinda denominou de reportagem consagrada à Praia famosa da Costa Verde!

Quanto aos defeitos e escrúpulos que a Dona Deolinda apresenta no C dos «cozinhados» e do «simbolismo do formulário apetitoso» e que a sua «Voga» aponta no número 58 de Agosto (não obstante terem realmente sido observados no «Diário de Coimbra» de 24 de Setembro e 10 de Outubro p. p.!) — sim, Dona Deolinda, quanto a isso, temos dito! Prefiro antes o cozinhado caseiro, bem temperado, dos receituários tradicionalistas, que não misturam «alhos com bogalhos», não adulteram as percentagens nem recorrem à luz dos «fanais» de lentes... postíças! Atente a Dona Deolinda na razão dos escrúpulos com que cá o «C dos cozinhados» lhe reprovou indirectamente, a ideia... subversiva de substituir o patrono da vila e Praia de Espinho, e deixe-se de reportagens sem finalidade e sem utilidade!

Espinho sempre existiu e se engrandeceu, e pouco deve a Armando Crespo, Mário Borges, Bastos Maia e ao plumitivo local, vultos destacados na «pepineira» que sòmente à Dona Deolinda poderiam lembrar!

Olhe, Dona Deolinda, deixe cá o C em paz, e não pense mais em reportagens deste género, não?

E quanto ao artigo do Sr. Dr. António de Barros? Então e essa vénia, pela transcrição? Ah!, vem no número da sua «Voga» de Setembro! Bem, assim está bem! E quanto aos hóspedes do Palácio Hotel de Espinho, ainda lá estarão ou já não?...

Por último, é bom... pôr as contas em dia, porque não faz sentido que os números da sua «Voga» se refiram a factos ocorridos meses depois da publicação dos mesmos. Veja lá isso, Dona Deolinda, valeu?

Dito isto, recomende-me a seu esposo e creia a Dona Deolinda na continuação do bom acolhimento e da boa disposição do que se lhe apresentará particular-

## BONECADA ANIMADA

Continuado da pág. 4

locutor emudece. O mesmo sucede com o «star» de Joaquim Fiuza, que nos aparece com grande destaque em primeiro plano...

A contrastar com 2 minutos de remo (II) vemos durante cerca de 10 minutos provas de ciclismo.

E agora, o pior do filme: natação e saltos. Vemos rapidamente uns saltos, quase todos sem retardador, com a preocupação de filmarem com câmara aquática (gostaríamos saber qual a vantagem: se aquilo que se passa lá no fundo não tem interesse algum...) e com respeito a natação, vamos de mal a pior. Não lobrigamos Jany ou Ris ou Ford. As provas de 100 e 400 m. livres foram inexplicavelmente substituídas por outras de incontestável menor interesse. Não foi convenientemente atendida esta modalidade, talvez porque faltasse paisagem...

Voltamos ao cabo de onze minutos a Wembley, onde do decatlo apenas vemos o sorriso do vencedor, e então entramos na mais feliz sequencia do filme: a emocionante e heroica corrida da Maratona. E, quanto a nós e de longe, a melhor parte do documentário.

Estranhámos a locução tão pouco feliz, tanto mais que quase todos os documentários ingleses são comentados por experientados locutores portugueses.

O colorido e o acompanhamento musical são esplêndidos, e nisto se resume o filme das olimpíadas de 1948... que não nos chega a mostrar o que realmente foram as olimpíadas de 1948. Bem sabemos que em duas horas não se poderia mostrar tudo, mas uma vez posta de parte a ideia de fazer o filme em mais do que uma jornada, dever-se-ia ter aproveitado melhor os metros de celuloide. Para não focarmos a falta perdoável de provas de oquei em campo, box, pesos e alteres, ginástica e luta, não nos perdoariamos se não sublinhassemos que, além das provas de atletismo e natação atrás registadas, faltaram inexplicavelmente certas do torneio olímpico de basquetebol e futebol, sem dúvida de grande interesse e enorme poder emotivo.

E agora a habitual e ligeira crónica de outros filmes:

**Ama-sêca de calças** — A história do Sr. Belvedere é um prodígio de graça. O filme é admirável. Interpretação certa, com relevo para Clifton Webb que consegue arrancar uma gargalhada sempre que abre a boca para dizer qualquer coisa. A melhor comédia que vimos nos últimos tempos.

**Assassinos** — Uma bela adaptação duma novela de Heinekingway à tela. Soberba direcção de Mark Hellinger...

**Um marido ideal** — Não chega a ser teatro, nem cinema. Vale pelo diálogo soberbo e fiel à peça de Oscar Wilde.

Manuel José

mente e é o tal C das «manipulações dos cozinhados jornalísticos»!

## Peço a Palavra...

Estou morto, amigos!  
É do Outro Mundo que vos falo.

Isto, aqui, é o Silêncio e o eco do Silêncio é o Nada a vibrar no Não-Ser.

Comodamente recostado numa fôfa nuvem, leio: — diariamente o Janeiro, aos domingos o hebdomadário de Espinho, às segundas «A Bola» e acabo de saborear na «Voga» a local intitulada «A Voga perante juízos insuspeitos».

Como a coisa é pobre, lamentavelmente pobre, desnecessário será fazer um comentário. Desejo, no entanto, chamar-vos a atenção para este pedaço de prosa, em que se pretende pôr um pouco de ironia e de sarcasmo:

«No seu infortúnio lamentoso, a Associação Académica de Espinho presta-lhe (a um certo senhor C que é correspondente num diário) auxílio com o RUMO. Rumo sim! Rumo dá força, dá prestígio ao País, dá grandeza à formosa e movimentada Praia». etc. etc. etc.

Depois de novas baboseiras e de elogios à personalidade de Armando Crespo e ao hebdomadário local, surge no fim da página, disfarçadamente, um pensamento que reza assim: — os ignorantes costumam condenar quase tudo que não entendem.

Coitados! O que nos vale é que nenhum mal virá ao mundo pelo que acontecer!

Foi, recostado na mesma fôfa nuvem, que o hebdomadário me informou, na sua secção «Imprensa Ilustrada», da crónica de a «Voga» e onde o notabilíssimo e fanalizado escriba acrescenta, em entre-parêntesis, esta inocente coisa: *alusiva a certos «críticos» de Espinho.*

Ora, amigos, aqui, nesta simples noticiázinha é que está o veneno, mas um veneno inofensivo e que só nos vem revelar a impotência dum cérebro recheado de maldades e podridões, dum caco imundo e podre, onde só têm eco os *tlins-tlins* do vil metal com que lhe untam as mãos!

Amigos, isto vai mal!

Estou farto, estamos cheios de tanto «jogo escondido»!

Queremos as coisas às claras! Nada de habilidades sujas, nada de *fajardices*!

Estou farto, estamos cheios!

\*

Bem sei, como se escrevia no hebdomadário local, que *tudo se paga neste mundo* é não ignoro que nós, os «hipócritas», os «cobardes», os «lôipas», os «críticos», estamos irremediavelmente liquidados!

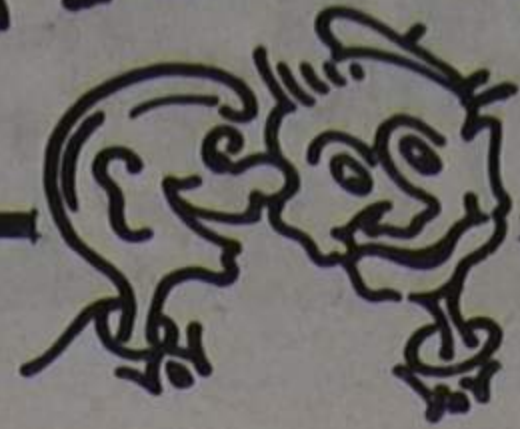
Sim, amigos: a *espada da justiça* está sobre as nossas nuças.

Isto vai mal, amigos!

Mal para vós que viveis nesse torrão maldito.

Sim, porque o vosso Kim, comodamente recostado no infinito, não pode pagar aquilo que o escriba pretenda que se pague neste mundo e não pode ver a

## TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



Em 22 de Dezembro será posto à venda o primeiro livro de poesias de Florentino e que esse livro se chama «Atlântida»...

Em Dezembro, Florentino fará em Coimbra a conferência e recital prometidos...

Finalmente, a Académica vai ter uma sede privativa situada na Avenida 8...

Como consequência, a Biblioteca da Académica vai ser uma realidade...

Em Fevereiro de 1949 a Associação Académica prestará homenagem à memória de Manuel Laranjeira. No programa da homenagem, incluem-se: a representação duma peça teatral de Laranjeira; uma conferência sobre o Poeta ilustrada com a recitação de poesias dele; a publicação dum número especial de

sua cabeça decepada pela espada da justiça!

Estou a salvo! Estou no Outro Mundo!

Aqui, amigos, é o Silêncio e o eco do Silêncio; sou eu e a minha nuvem; é o Infinito!

Aqui não há espada da justiça e não se paga tudo o que nesse mundo se paga.

Aqui é o Outro Mundo!

E, pergunto: — se não fosse, que mal viria ao mundo pelo acontecido?

Isto vai mal, amigos!

Podre e lama. Névoa. Vultos fugidios e viscosos. Cheiro a maresia.

Bonecos encasacados, ensopados de solenidade e a rever cêbo, berram e gesticulam: — são os oráculos.

Outros, muito compostos e convencionais, fazem continuamente mesuras e alisam a farta cabeleira: — são os escribas.

Sentado numa poltrona, um imenso abdomen chupa um mórão havano; inundando o ambiente de espesso e azulado fumo: — é o faraó!

Podre e lama. Névoa. Vultos fugidios e viscosos. Cheiro a maresia.

Oráculos e escribas aguardam, cervicalmente curvados, um gesto decisivo do faraó.

\* \* \*

A' nossa volta faz-se um vazio: — é o vácuo das cerebrações de estopa, das individualidades de frete, do foguetório reles da remota e suja aldeola!

A' nossa volta há uma força: — a opinião unânime dos espinhenses, o apoio dos que não arquivam a Espinho o aplauso dos que não rastejam na lama!

Se a *espada da justiça* pende sobre as nossas cabeças, se *tudo se paga neste mundo*, se ISTO

«Rumo» com a colaboração de grandes artistas portugueses; romagem ao túmulo do Dramaturgo, etc. ...

Não obstante a esclarecida opinião da «Defesa de Espinho», a peça «Deus dispõe...» desagradou à quase totalidade da assistência...

Ainda há quem proceda como um carroceiro, esquecendo as responsabilidades inerentes à posição social que ocupa...

A nomeação de um novo seleccionador para o oquei em patins nortenho reacendeu em muitos a esperança de ver a equipa do Norte ser composta, de facto, pelos melhores jogadores da região...

Cá por estes lados há indícios de que nesta modalidade vamos entrar num semi-profissionalismo...

## Primeira Fila

Continuado da pág. 1

todas as opiniões, mas não dou às opiniões dos outros o direito de se julgarem superiores às minhas em sinceridade.

A pretensão de criar apóstolos forçados para uma ideia que pode escravizar uma legião espantosa de seres pela beleza que nela possa antever essa legião, não pode subjugar de igual maneira toda a gente.

Quem estará na Verdade?

\*

É natural que alguém procure deslumbrar-me e confundir-me com a defesa dalgum dogmatismo, mas devo esclarecer desde já que é inútil a simpática tentativa.

O dogma, para quem pensar livremente, é apenas imposição, desejo de escravizar, avidez de mando, intransigência.

Ora imposição, desejo de escravizar, avidez de mando e intransigência, não representam grandeza de alma nem superioridade de inteligência. Representam apenas egoísmo — vagas daquele oceano de egoísmos de que é feita a Vida!...

Todo o homem dogmático é, por consequência, um intransigente, e o homem intransigente, quer em religião, quer em política, não vive para o Homem! — Vive do Homem, o que é muito diverso.

Pedro Manoel

VAI MAL, fiquemos com a esperança de que daí *nenhum mal virá ao mundo pelo que suceder* e com a certeza de que aqui estamos para o que der e vier!

Adeus, amigos!

Kim



## O HOMEM DA ENXADA

Face queda, absorta, olhos vãos, corpo desajeitado, cravado na terra, preso pela enxada que possuía as suas mãos fortes, nodosas, deformadas. Tinha olhos vãos, sem vontade, submissos, obedientes à vida, ao sofrimento. Nascera para trabalhar, para carvar a terra, sempre, sempre até se extinguir a seiva, a vida. Não tinha de que se queixar. Fora sempre assim — da terra, para a terra. Onde viera, de que vivia, o que o esperava? A terra. Nada mais existia. Os seus horizontes ora dourados, feitos do ouro das espigas, ora negros como a terra lavrada, rasgada, nunca mudavam. E o corpo cansado, gasto pelo trabalho, não podia parar, descansar, revoltar-se. Era escravo de milhares de gerações.

O «Homem da Enxada», imagem rude dum camponês, visão dum mundo desconhecido, foi um grito, um clarão. A sociedade atacou, furiosa, aquele que ousara desvendar, descobrir, a tragédia do homem do campo, do animal bravo que escavava a terra, do escravo que só comia a raiz porque a cidade roubava-lhe o fruto.

Aquele quadro era a revolta, a emancipação, o toque a reunir, a consciência duma classe.

Enganavam-se os que viam o propósito, a intenção.

François Millet somente pintara a vida. O modelo fora um anónimo, um camponês, um semelhante, que como ele, nada podia contra o Destino. Um grito de revolta! Não, apenas um retrato dum amigo, dum irmão na pobreza. Ambos viviam no campo, limitados por duas grandezas — a árvore e o céu. E se não fora pequenas diferenças seriam iguais. Um trabalhava com a enxada, outro com os pinceis e as cores; o camponês só conhecia o céu e a terra; ele, além do campo, da natureza, sabia da maldade dos homens. Só na pobreza eram iguais.

Mas o «Homem da Enxada» veio modificar tudo. A partir dele a situação de Millet, principiava de melhorar. Cresceram os admiradores da sua arte rude e verdadeira, criou amigos.

Aos cinquenta e quatro anos o autor de «O Semeador», «As Respiadoras» e de «O Anjélu», recebia a Legião de Honra, depois de ter ganhado a Medalha de Ouro da Academia das Artes.

Nunca deixou de viver no campo, aquele homem de testa ampla, olhar franco, longa cabeleira e formosa barba. Detestava a vida artificial da cidade, a hipocrisia, a máscara.

Poucos anos depois de ter a alegria de ver reconhecida a sua arte sincera, morria o amigo do camponês, o amante duma vida simples e dolorosa cheia de poesia.

Nuno Rangel

# ALEM-MAR ANGOLA

II

Quem viajar nos modernos paquetes da frota mercante nacional — O «Pátria» e o «Império» — fará a viagem entre Lisboa e Moçâmedes em 13 dias (!) o que constitui um apreciável avanço sobre os outros barcos, mesmo os mais rápidos, pois, tanto o «Niassa» como o «Nova Lisboa» fazem o mesmo trajecto em 20 dias!

Esta viagem, hoje, em condições normais de saúde, é um prazer, mas, em tempos idos e que não vão ainda muito distantes, ir até Angola era um martírio prolongado. Eu quero referir-me, evidentemente, àqueles que faziam esta viagem por necessidade, instalados da pior maneira, quase a monte, sem condições de higiene, sem conforto de qualquer espécie, comendo «o pão que o diabo amassou»!

Já se levou um mês, dois meses, três meses, para atingir Angola. Nos primeiros barcos a vapor, nos antigos veleiros, nas diminutas balieiras... sim, meus queridos leitores, em diminutas balieiras, de escassos metros de comprimento, com uma vela só, à mercê de Deus, quantos portugueses decididos se lançaram então à grande aventura!

Existem ainda hoje em Moçâmedes algumas pessoas, já velhinhas, que fizeram a viagem numa balieira.

Os tempos eram maus, quase se morria de fome. E, em muitos lares algarvios (foram sobretudo os algarvios os obscuros heróis destas proezas) em certa noite invernal em que só havia para comer uma dura e enegrecida côdea de pão, de mistura com uma sardinha salgada, o chefe da família, olhando a companheira silenciosamente sofredora e os filhinhos mortinhos de fome e de sono, dizia corajosamente: — mulher, vamos preparar a balieira, arranjar as nossas coisas, e abalaremos para Angola! E era assim mesmo. Algum tempo passado sobre a noite da decisão, em maré de vento favorável, o frágil barco afastava-se da costa portuguesa, levando a bordo meia dúzia de seres sacrificados à procura dum mundo melhor!

Meses depois, vencendo a fome, a sede, os temporais, a balieira — talvez a «N.ª S.ª da Bonança» — lançava o seu minúsculo ferro junto à costa, dentro da magnífica e maravilhosa baía de Moçâmedes.

Depois, era a luta, e quase sempre o triunfo!

Tempos depois, outra balieira, mais outra, ainda outra. Moçâmedes foi crescendo, garrida e fresca, até ser a encantadora cidade que é, hoje.

\* \* \*

Moçâmedes, vista do mar, é dum aspecto pouco convidativo, triste até. Mas essa impressão

Continua na pág. 2

# TOIROS toiradas



## Da organização...

Depois do juízo breve que fizemos no último número sobre a temporada finda, julgamos ser oportuno fazer algumas considerações acerca da organização das corridas de que aquela se compôs.

Ao focarmos o assunto sob este aspecto, não nos anima outro objectivo que não seja o de contribuir por meio da crítica — e esforçamo-nos por que ela prime pela isenção — para uma futura melhoria que há muito se vem fazendo sentir...

Ao organizar-se uma função tauromáquica, o primeiro objectivo a ter em vista deve ser conseguir que a mesma seja o mais equilibrada possível, sem disparidades e contra-sensos. Como exemplo de disparidade temos um cartaz com três cavaleiros e um só espada. Para objectivação de contra-senso, meditemos no facto de se contratarem artistas, a alguns dos quais há que se pagar bem, soltando-lhes animais impróprios para lidar, por carência total das qualidades requeridas. Se, como todos sabemos, o touro é o elemento primacial da Festa, qual o resultado a esperar duma combinação «*toureiro bom-touro mau*»? O resultado deverá ser, como de resto já devem ter «presentido», muito mau...

E, daqui, surge com toda a evidência, o desequilíbrio que é quanto a nós o pior defeito dum cartaz qualquer. O público aborrece-se, porque está sempre esperando que saia um animal lidável, e se ele demora, a continuação acarreta a monotonia.

Tem-se mesmo, no nosso País, emitido a opinião, de que as corridas com oito touros são demasiado longas, pela repetição forçada que tal número proporciona. Ora, no fundo de tudo isto, está, como principal objectivo, evitar o cansaço do público, o seu aborrecimento, que são as causas determinantes da diminuição da aficção que cada vez se vem notando mais.

Em Espinho então, a qualidade do gado lidado, tem sido péssima, sem garantia alguma de bom jogo que possam oferecer. Lembremo-nos da primeira corrida do ano que passou, em que, em determinada altura, ao público interessava mais do que o trabalho dos artistas a possibilidade de ver sair um boi que tivesse um pouco de mau génio. E não saíu...

Porque não se trazem touros de Pinto Barreiros, Infante da Câmara, Palmela, Dr. António Silva, Durão e tantos outros que se sabe serem de facto lavradores honestos e probos, dedicados à criação de reses bravas? E' certo que já cá vieram alguns curros de boas procedências, mas mesmo assim, não mandaram do melhor, pois não lhes pagaram para isso.

E a propósito de pagar, bem podiam comprar bons animais, porque o público esportula por cada localidade muito bom dinheiro...

Atendamos agora — e este é um factor importantíssimo — que há que observar a predilecção do público por este ou por aquele género de toureio, e oferecer-lhe então funções em que predomine tal característica de lide que o possa satisfazer.

Isto vem a propósito do seguinte: quando se nota em Portugal uma onda de entusiasmo e ansiedade pelo toureio a pé, pela lide à espanhola, naturalmente ocasionada pela circunstância de possuirmos três matadores de primeira fila, em Espinho em três corridas realizadas apresentaram-se 8 cavaleiros e 4 espadas. Precisamente na proporção de 2 para 1, favorável aos primeiros.

Ora de duas, uma: ou se pretende aqui em Espinho, demonstrar à aficção do País que está absolutamente equivocada quanto à sua preferência, ou então não há talento, dinheiro (??) ou vontade de proporcionar ao entusiasta nortenho, programas de composição idêntica aos oferecidos ao homónimo sudista.

Nos tempos que correm, uma tourada com dois cavaleiros e dois espadas já se considera desequilibrada, uma vez que o toureio a cavalo não pode oferecer, como o de pé, a variedade de lances e sortes que prendem a atenção e o interesse do espectador.

Não se veja nisto menos consideração ou apreço pelo trabalho dos nossos cavaleiros, cuja dificuldade de execução apreciamos e admiramos. Simplesmente, consideramos como verdadeira e única arte de tourear, a lide à espanhola, razão porque lhe damos a nossa preferência.

Para terminarmos estes despretenciosos comentários, fazemos votos, para que em temporadas vindouras, a confecção dos cartazes seja melhor estudada, compondo-os de tal modo que ao público seja dada, quanto mais não seja, a ilusão de que se lhe quere agradar.

E... não se esqueçam de nos demonstrar que temos de facto em Portugal bons matadores de touros.

Paquito



## AS OLIMPIADAS DE 1948 NO CINEMA

Desta feita os cineastas ingleses de Artur Rank não estão de parabéns. Não porque o filme por eles apresentado desagradou dum modo geral ao chamado «grande público», mas porque além de estar muito incompleto, como vamos ver, tem a par de coisas boas, muita coisa medíocre. Todos devem estar lembrados do magnífico filme em 2 jornadas que Leni Riefenthal fez na Alemanha quando naquele país se realizaram os Jogos de 1936. Era completo, soberbo, e feito de modo a agradar particularmente aos desportistas, e não para nos dar um espectáculo vulgar, especulando com a intenção de nos mostrar o que foram os Grandes Jogos. Os ingleses deram-nos a sensação nítida de quererem «alindar» aquilo que é Belo por natureza, votando, por outro lado, ao ostracismo, a beleza de muitas modalidades desportivas.

O filme rola durante duas horas exactas e vamos ver em que foram estas aproveitadas. Começa da melhor maneira, com um colorido óptimo, mostrando-nos o cenário grandioso de St. Moritz onde assistimos aos Jogos de Inverno.

Passamos meia hora bem aproveitada, até que entramos em Wembley com a inauguração oficial. Não compreendemos porque não é filmado o desfile da representação portuguesa, uma vez que se sabia de antemão que mais de uma cópia seriam «gastadas» a rolar no nosso país. Começa o atletismo e a prova dos 100 m. é muito infeliz na sua final. Não nos parece que as objectivas devessem estar de frente, pois parece-nos uma desfocagem natural, e a chegada é feita sem sensação alguma de... chegada ou de velocidade. Do mesmo mal enfermam as provas do triplo salto que, além de não serem filmadas convenientemente ao retardador, são filmadas de frente. E' claro que não se faz ideia se são 15 ou 5 metros os transpostos no salto...

Ao fim de cerca de uma hora em atletismo notamos a completa ausência das provas de disco e dardo, 10.000 e 1.500 m. masculinos e, o que é imperdoável, das emotivas provas de 200, 800 m. e salto em altura!!! Em contrapartida perde-se tempo demais no lançamento de martelo e em provas femininas, de menos interesse espectacular sem dúvida, e com eliminatórias de menor interesse. Não nos conformamos em não termos visto, pelo menos, a final dos 200 m.

Cerca de 3 minutos (!) são gastos em provas de vela, e parece propósito — é preciso que um inestético letrado nos aponte o «swallow» dos irmãos Belo, que se classificou em 2.º lugar, pois o

Continua na pág. 2

## AS "BODAS DE OURO"

do Concelho de Espinho

Continuado da pág. 1

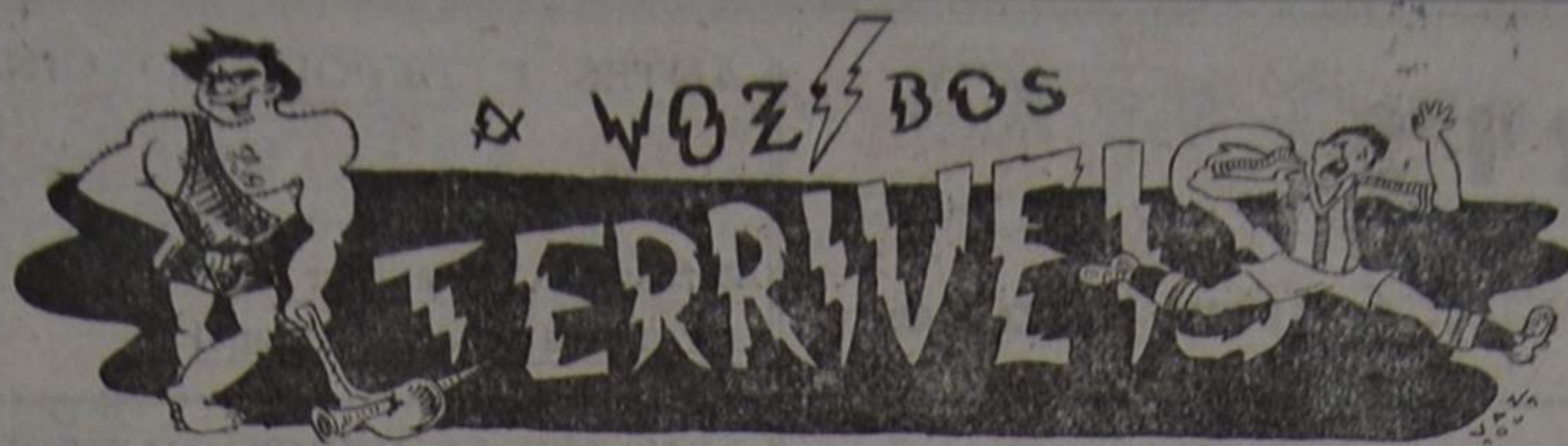
Honra, composta das seguintes entidades: Governador Civil, Presidente da C. Municipal, Administrador do Concelho, Presidente da C. Concelhia da União Nacional, Director da Carreira de Tiro, Director do Campo de Aviação, Pároco local, Directores dos jornais locais, correspondentes dos jornais diários, Delegado da Mocidade Portuguesa, Comandante da G. N. R., Comandante da Legião Portuguesa, etc.

Seguidamente seria constituída a Comissão Executiva com: Representante da Com. Municipal de Turismo, Com. M. de Assistência, Grémio do Comércio, Sindicatos, representantes da actual Comissão de Festas, Bombeiros, Sporting e Ass. Académica de Espinho, Santa Casa da Misericórdia, representantes da indústria e outros elementos considerados úteis. Posto isto, seria elaborado o Programa de Festas que poderia incluir uma Feira-Exposição com manifesto sentido de estética turística, com áreas separadas para exposição de artigos fabricados no concelho e fora dele. Um parque de diversões com barracas e "chapitons". Adstrita à Feira-Exposição a C. M. de Turismo faria construir um Pavilhão com notas de propaganda e gráficos de frequência, etc. Esta Exposição-Feira duraria 15 a 30 dias conforme fosse achado conveniente.

Como Actos Officiais, no primeiro dia do começo das Festas que coincidiria com a abertura da Exposição, haveria uma sessão solene na C. Municipal comemorativa do 50.º Aniversário da criação do Concelho e recepção às Comissões de Honra e Executiva. Sucessivamente seriam marcadas datas para:

Homenagear a memória de quantos contribuíram para a criação do Concelho, homenagear os que não sendo os creadores do Concelho lhe prestaram relevantes serviços, contribuindo para a propagação de Espinho e seu desenvolvimento como zona de Turismo e como centro comercial e industrial, homenagear a imprensa local e diária e do mesmo modo os jornais que se publicaram em Espinho, na pessoa dos seus dirigentes ainda sobreviventes; homenagear a indústria e o comércio de todo o Concelho, como forças poderosas que muito têm contribuído para o desenvolvimento material de Espinho, prestar homenagem a todas as frezíngias do Concelho na pessoa dos seus representantes.

Como partes dispersas a enquadrar o Programa Geral, a Empresa Espinho-Praia organizaria um Programa Especial para a sua época. O Teatro S. Pedro realizaria espectáculos em dias especialmente marcados para serem incluídos nos festejos, constantes de cinema, teatro, saíras musicais e espectáculos retrospectivos com uma peça "Re-



## Primeiro, Espinho...

Aproxima-se o ano de 1949 em que se celebrarão, ao que consta, as festas comemorativas do cinquentenário do concelho. Essas festas necessitam de cuidada preparação afim de que o bom nome de Espinho não saia delas diminuído. Por isso, além da elaboração de um programa tanto quanto possível perfeito, torna-se necessário que o público, que porventura venha a acorrer à nossa terra, a encontre lavada, airosa e atraente. Por essa altura deve estar concluída a nova esplanada o que justificaria que se desse à rua 2 o nome do engenheiro Frederico Ulrich, merecedor da gratidão de todos os espinhenses; haverá mais ruas pavimentadas; as casas deverão ter sido alindadas e quasi todos os passeios terrosos estarão cimentados. Seria interessante, pois tal é possível, que na Avenida 8, junto ao Casino, não persistisse aquele desagradável aspecto que nos oferecem os rudimentos de paredes em que deverá assentar a nova casa de espectáculos que a empresa concessionária do jogo é forçada a construir, por lei, a par de muitas outras construções a que está legalmente obrigada e que, até hoje, não iniciou.

Não faz sentido que, depois de iniciada a obra, o seu embargo seja mantido por tão largo lapso de tempo. Acima dos possíveis interesses da empresa Espinho-Praia em adiar o seu acabamento, acima dos notórios prejuizos que possam vir à empresa do S. Pedro pela construção de um novo teatro numa terra pequena para encher o que existe, acima de quaisquer outros interesses particulares, está o progresso de Espinho que necessita ser, cada vez mais, impulsionado e acarinhado. O tristíssimo espectáculo que tal simulacro de construção ofereceu aos veraneantes que aqui afluíram no verão findo não pode persistir. Urge resolver o problema e estamos crentes em que as entidades oficiais empregarão o melhor dos seus esforços para conseguir que, no próximo verão, se possa ver no espaço deixado vago pela demolição do histórico "Chinez" um edificio moderno, novinho em folha, posto que não belo por força da monotonia rectilínea das construções anexas.

## "Tosses..."

As luzes do palco do S. Pedro voltaram a animar-se com a apresentação da peça "Deus dispõe..." pela Companhia do Teatro Avenida, em que figuram como cabeças do elenco, Alves da Cunha e Lucília Simões. Findo o espectáculo, a assistência saiu desiludida com o tema da peça, demasiadamente batido, e com a interpretação. Todavia nada nos desiludiu tanto como a falta de correcção demonstrada por parte de certos espectadores que se empenharam, de princípio a fim, em impedir uma perfeita audição, utilizando-se para isso de um coro de tossidelas irritantes. A época que passamos não é ainda de frio arrepiante ou chuvas que nos encharquem os ossos até à medula e, salvo o caso de uma curiosa epidemia que se alastrasse pela sala do S. Pedro, não achamos justificação para tão lato mal de peito.

Podem desculpar-se certos risinhos no meio de cenas dramáticas pela estupidez de que estão impregnados; podem explicar-se certos atropelos que em todos os inícios de espectáculos teatrais se praticam na geral. Isso acontece porque há quem vá ao teatro por ir, por snobismo e por desfastio. Agora que, em pleno verão de S. Martinho, se tussa tanto e tão desalmadamente que à maior parte da plateia é totalmente impossível ouvir o que se diz no palco, isso é que não pode ser explicado nem desculpado a não ser por um tristíssimo desconhecimento do que seja o respeito mútuo. A continuarmos assim, ou se desiste, de vez, de trazer a Espinho companhias que não sejam do género ligeiro ou musicado (para estas não há tosse), ou então a empresa proprietária do S. Pedro terá que acompanhar a venda dos bilhetes entregando, "per capita", um pacotinho de rebuçados peitorais afim de evitar tão desagradável orfeão de tossidelas.

lembrando", incluindo números das várias peças representadas em Espinho, pelos seus amadores, numa evocação do passado teatral desta vila. Os clubes organizariam jogos desportivos e paradas. A Comissão Executiva faria reviver uma «Batalha de Flores» com os características das brilhantes batalhas do tempo das espanholas. Os cafés contratariam orquestras para os seus

estabelecimentos, com agrupamentos de «jazz» e de música de salão. Executar-se-iam cartazes alusivos de diversos autores e características. Alindar-se-ia a vila, trocando o provisório pelo definitivo, não esquecendo o futuro, etc., etc. Finalmente «Rumo» coloca-se inteiramente ao dispor das entidades organizadores, fornecendo as suas colunas e seus préstimos para o esforço comum.

ATTITUDES  
DUMA RECITADORA

A Associação Académica de Espinho, adentro do Programa Comemorativo do seu X aniversário, quis dar outro Recital de Poesia, para o qual ambicionou D. Maria Manuela Couto Viana. Em nome da Académica, os poetas Carlos de Moraes e Florentino Goulart Nogueira foram convidar esta distinta artista. Recebidos por ela fidalgamente, regressaram a Espinho, encantados e reconhecidos com o acolhimento, ufanos com a promessa da recitadora que, logo, acedera dum modo desvanecedor, combinando, a artista e os delegados da Académica, que o Recital seria numa sexta-feira, entre 15 e 20 de Novembro, dia 18 ou 19 segundo parecia (a sexta-feira era, de facto, no dia 19). Tão gentil foi, na recepção, D. Maria Manuela Couto Viana, e tão entusiasmados vinham os petiçãoários, que Carlos de Moraes voltou-se para Florentino e proclamou: — «Vocês têm de a receber como uma princesa!». E a Académica, na sua pobreza, preparou todas as galas de que podia dispor, para receber Maria Manuela triunfalmente. Mas... porém...

No dia 12 de Novembro, Florentino foi propositadamente ao Porto, a casa de D. Maria Manuela, para que esta senhora lhe desse o programa do recital, afim de, com este, serem impressos os convites e os cartazes de propaganda. D. Maria Manuela estava ausente para Viana do Castelo, mas Florentino deixou um cartão dizendo ao que viera e pedindo o envio imediato do programa (a recitadora regressava no dia 15). No dia 16, não obtendo resposta, tentou, debalde, a Académica comunicar com D. Maria Manuela. De manhã, telefonou-se-lhe, pedindo ao marido desta senhora que lhe participasse que nós, da Académica, precisávamos de falar com ela e se nos poderia receber às 16 horas. À tarde, partiram, propositadamente, para o Porto, Carlos de Moraes, Goulart Nogueira e António Gaio. Pouco antes das 16 horas telefonaram para casa da recitadora e disseram-lhes que saíra há momentos. Telefonaram para o Emissor Regional do Norte e para o S. N. I., mais várias vezes procuraram saber o paradeiro da senhora.

A uma nova tentativa desesperada para sua casa, responderam que ela deixara dito que estaria das 17,30 às 18 horas no Emissor Regional do Norte. Ai estiveram perante a gentileza de Humberto Mergulhão, desde as 17,30 às 19,30. Em vão! Regressaram a Espinho e daqui partiram, de novo, agora de automóvel; e às 21,45 horas batem à porta da recitadora. Mandou dizer pela criada que estava deitada já, que sabia o que «aqueles senhores» queriam e que respondia depois.

Com o total sumiço da delicadeza anterior e com este insulto impune feito por mão de mulher,

Continua na pág. 8

# SOLCRIS

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**

Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões

**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609  
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342  
**ESPINHO**

**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL  
EM CHAPA

Vidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Merceria —  
Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

**Merceria Porto ESPINHO**

Rua doadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26 — **ESPINHO**

## Cadinha & Couto

Armazenistas de Merceria  
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO**

**CASA SOUSA**  
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N. 215 — **ESPINHO**

Carteiras, Porta-moedas,  
Pastas, Produtos de perfumaria — La Toja  
— Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

## SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO

**RUA OITO**

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com  
secção de Hódegia Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS  
— CHÁS E CAFÉS —  
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37  
APARTADO 37

## União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM  
LICORES E XAROPES  
— **UNIÃO** —

Rua 19 — 409 a 421  
**ESPINHO**

## PADARIA PROGRESSO

DE

**Manuel Maria Valente**

**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**

Fabrico esmerado de todas  
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)  
**SILVALDE**

## PADARIA MECANICA

## A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»  
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 **ESPINHO**

**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**  
— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» **SABOARIA DO BOLHÃO, L.da**  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.da  
**ADUBOS «S. A. P. E. C.»**

Telefones: 21  
gramas: FARINHAS  
APARTADO, 5

Rua 62-**ESPINHO**

**PADARIA PRIMOROSA**

de - **AFONSO FERREIRA GAIO**

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833 **ESPINHO**

## Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

**RUAS 11 E 20 ESPINHO**

# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### PANORAMA

A fase anual de mais intensa vida desportiva da Associação Académica de Espinho está a iniciar-se. O ano desportivo começa verdadeiramente agora. A maioria das secções vão entrar em movimento pelo que julgamos oportuno fazer certas referências à actividade até agora desenvolvida e àquilo que se torna necessário realizar.

O quei em campo, modalidade pouco simpática às grandes massas, conseguiu em Espinho captar as atenções de umas três dezenas de rapazes que, pelo seu espírito de sacrifício, correcção e amor clubista, têm dado magníficas provas de estarem perfeitamente inteirados do seu significado da palavra Desporto. O clube não tem auferido grande nomeada pelos resultados obtidos nesta modalidade mas é esta secção, talvez, a que mais o dignifica pois é das poucas onde não impera a chicana e a inveja. Do entusiasmo e dedicado esforço dos atletas sairá este ano, como de costume, mais uma etapa de boa propagação do nosso clube.

No basquetebol vai a Académica disputar novamente o Campeonato de Aveiro. Esta modalidade tem sido constantemente vista como uma hilariante diversão por grande parte dos associados e é necessário que se rectifiquem tais opiniões o que cremos não ser impossível pois Sérgio Gonçalves tomou a peito melhorar, dentro das poucas possibilidades do meio neste belo ramo do desporto, a secção que agora dirige. Os basquetebolistas têm feito grandes sacrifícios (basta atender a que as deslocações efectuadas durante o Campeonato Distrital de Aveiro apesar de dispendiosas têm sido suportadas pelos atletas) e podemos afirmar com agrado que nunca os adversários os superaram em correcção, embora os dominassem, frequentemente, em técnica e tática. Reconhecida a boa vontade dos atletas, resta que os sócios sejam compreensivos para que o basquetebol seja no nosso clube mais uma das modalidades que lhe conferem justíssima satisfação e orgulho.

Os únicos títulos de campeões regionais colectivos que a Académica possui foram obtidos pelos seus praticantes de ping-pong que, este ano, participarão, pela primeira vez, no Campeonato do Porto da I Divisão. As responsabilidades aumentaram e não vemos até agora interesse em salvaguardar a bela posição conquistada neste desporto pois que as mesas da Académica continuam cobertas de poeira sem que haja o mínimo indício de vontade. O chefe da secção tem que aproximar-se mais dos jogadores e, pela sua insistência, levá-los a treinar convenientemente para que a nossa entrada de leão não venha a dar em saída de sendeiro.

Deixamos propostadamente para o fim as referências ao quei em patins que, se é de todas as modalidades praticadas na Académica a mais saliente e discutida, não deixa de ser a que mais aborrecimentos e contrariedades tem provocado. Conquistamos honrosa posição no meio nortenho, não obstante todos os entraves postos por aqueles que não podem ver fora das barreiras da cidade do Porto quem se distinga em detrimento dos indígenas. Esta posição não é, todavia, consentânea com a vida interna da secção que, de há algum tempo para cá, tem vogado num mar de discórdias, invejas e mesquinhas rivalidades. Há ressentimentos entre os jogadores, há-os entre estes e o chefe de secção, há-os entre ambos e a Direcção. Fazem-se intrigas, murmura-se nas esquinas, espalham-se maldosos boatos, falseiam-se verdades para "sacudir a água do capote". Havendo quem saiba bastante de quei e quem não perceba «patavina», ninguém se confessa leigo mas, em contrapartida, todos se guindam ao posto do mais entendido. De um puro e simpatiquíssimo amadorismo descemos a um comodismo semi-profissional, se bem que não haja no nosso clube quem receba dinheiro para jogar quei embora o procure conseguir em outras colectividades. Apetecia dizer como o nosso colega Kim que "isto vai mal" e acrescentar que as possibilidades de tal estado de coisas não piorar são muito minguadas. Como não queremos que o clube seja prejudicado pela nossa apatia, novamente apelamos para todos os que verdadeiramente o amam, pedindo-lhes que procurem congruar Direcção, jogadores e chefe da secção, escorraçando os elementos que sabotam a união total em volta das nossas cores.

P. M.

## FUTEBOL

É do conhecimento geral que o futebol actualmente praticado no nosso país de amadorismo só tem o nome. Analisando bem o que se passa em quase todos os clubes, verifica-se que os seus representantes são recrutados das terras mais distantes com a finalidade principal da prática do desporto das multidões. E, assim, quando se fala de um Sporting de Braga ou de um Vianense, não falando já nos principais clubes do país, não

quere dizer grupos de jogadores de Braga ou de Viana, mas sim representações das mesmas terras por recrutados vindos de outras Associações, como todos os que acompanham o futebol não ignoram.

E, consequentemente, temos de entrar em consideração com as possibilidades económicas dos clubes para satisfazer as necessidades materiais dos seus atletas sem, todavia, se levar em consideração a despesa obriga-

# Ontem e Hoje

Nós, os novos, sorrimos, benévols, quando ouvimos daqueles para quem o passado é já motivo de saudade, o elogio duma mocidade que não volta, duma vida de acção, de alegria e de juventude que hoje não existe porque a raça está cada vez mais fraca e as gerações de agora desconhecem a virilidade e a pujança dos bons tempos. Sorrimos, porque temos quase a certeza de que, ontem como hoje, sempre existiram ânimos fortes e alegres, prenes de iniciativas e realizações, e vontades fracas e doentias, comodistas e envilecidas pelo vício e pela doença. E, por isso, não acreditamos na basófia dos velhos e chegamos a certas conclusões filosóficas acerca do Homem e do Tempo.

Todavia, há um sector da actividade humana, que está a favor dos antigos. Quero referir-me ao Desporto.

Na realidade, o tempo só tem aviltado e desprestigiado uma das facetas mais nobres da Vida. Isto sem exagero e intransigência, porque, se podemos contar excepções, lembremo-nos que estas servem para confirmar a regra.

Outrora, Desporto era sinónimo de fraternidade e lealdade, saúde e nobreza. Todos os esforços convergiam na aspiração, digna e bela, de atingir a perfeição, o máximo — uma alma sã num corpo sã. E os felizes que conseguiam subir, tão alto, e procuravam demonstrar através de lutas, cheias de beleza, as enormes possibilidades do Homem, eram heróis.

Desporto era escola de virtudes, que formava homens e criava irmãos. Abriam-se novos caminhos para a confiança nos recursos próprios, emancipava-se o indivíduo, aprendia-se a ver no próximo um amigo, um rival que tem o direito de ter as mesmas aspirações, e não um inimigo que é preciso calcar, destruir, para alcançar o triunfo. Do Desporto, levava-se para a vida a dignidade, a amizade.

É certo que as escaramuças, as guerras, o choque entre feras, que não homens, existiram sempre, para além dos frutos duma confraternização desportiva límpida, pura. Mas a percentagem de homens dignos de viverem esta vida era superior à dos nossos tempos.

Estamos longe dos tempos clássicos da Grécia, dos tempos que hoje brilham com maior fulgor por virtude dum meio escuro e baço, que esconde na nebulosa a pureza

de intenções e a beleza de atitudes.

Cairam os anos, evoluíram os tempos, abriram-se novos horizontes, nasceram novas preocupações, luta-se por um amanhã melhor, chocam-se poderosas forças, lança-se a confusão.

E nessa confusão assistimos a uma tremenda crise de carácter. Assistimos à vitória do mal sobre o bem, dos interesses sobre o justo. Hoje tudo se resume numa luta de interesses, não importando os direitos da maioria em benefício da minoria que tem dinheiro e poder para esmagar os empecilhos que surjam, a revolta dos insofridos.

O mesmo mal afecta todas as actividades do homem. E assim o que havia de lealdade e nobreza no Desporto deu lugar ao vício e à má fé. Todos os meios são bons para alcançar os fins desejados. Não importa a cultura física, a saúde; é preciso alcançar a vitória, custe o que custar. Os heróis de hoje são, a maior parte deles, feitos do pior barro, ídolos erguidos à custa de dinheiro e de inocentes, capital que há-de render bons juros. Outros há que, depois de elevados e incensados pela multidão, são espeznados, calcados na queda. Mas o maior número pertence àqueles que são explorados até o esgotamento, não importando a fadiga, a doença, desde que o rendimento seja bom. Depois faz-se um festival de homenagem, arranja-se uma esmola, e as consciências ficam tranquilas.

Ontem o Desporto era escola de virtudes, hoje é escola de vícios. Quando se estende a mão ao adversário é para lançá-lo a terra. Hoje, além dos maus dirigentes, oficiais e não oficiais, que quase sempre estão de braço dado, temos o atleta que se serve do Desporto não para fazer desporto mas sim para servir os seus interesses. Amizade, amor à causa, ideais, tudo cai quando aparece quem dê mais.

E se outrora se levava do Desporto para a Vida a dignidade, hoje leva-se o vício e destroços de homens.

Da Grécia, até hoje, com o crescer dos anos cresceu a degeneração. E assim quando recuamos, encontramos melhores dias que os de hoje.

Deste modo têm razão os velhos quando afirmam a excelência dos seus tempos.

Nestas coisas do Desporto para além da técnica de Hoje temos a essência, a maneira de Ontem.

A bem do Homem preferimos Ontem a Hoje.

A. Silveu

tória que acarreta a manutenção dos mesmos (filiação, tratamentos médicos, enfermagem, treinador, professor de ginástica, etc.) e que se eleva a dezenas de contos anuais. Não sei qual seja a receita do Sporting de Espinho mas, segundo me informaram, mal chega para satisfazer estas últimas despesas, sem compromissos de treinador e de professor de ginástica, o primeiro porque é desempenhado por um antigo jogador e o segundo porque infelizmente nunca existiu. Assim não veremos mais os sportinguistas nos campeonatos mais importantes do país porque têm que limitar-se, como se costuma dizer, à prata da casa, a não ser que alguns «beneméritos» concorram com ajudas valiosas o que não é muito de esperar.

Afigura-se-me ser agora a altura própria

para se pensar nos nomes que hão-de figurar nas listas para eleger os directores que governarão o Sporting Club de Espinho na próxima gerência. Segundo me informam, a actual direcção está resolvida a não apresentar lista o que pode acarretar sérios prejuízos ao clube como se verificou este ano. Há nomes que ainda não esqueceram e creio serem insubstituíveis dentro do clube e aos quais não foi prestada até hoje a homenagem que merecem. Se não levantamos mais cedo este problema é porque reconhecemos que esses elementos podem e devem ainda prestar ao clube o seu valiosíssimo concurso porque estamos certos que retomarão os seus lugares logo que para eles sejam chamados. Juntemo-nos todos na causa que é de todos nós, pelo engrandecimento do nosso Sporting.

A. L.

# AS DEPINEIRAS DA "VOGA"

Aquilo vem numa página "Para rir...". Sim. Porque a tal resposta da "Voga" aos "juizes suspeitos" só pode ser coisa para a gente se rir. Primeiro, achamos graça às asneiras, à suficiência, ao enfunado do artiguinho; depois, analisamos aquilo a sério, como exemplo duma doença que é preciso debelar, e resolvemos fornecer, ao redactor da "tal" pseudo-resposta, um correctivo que o emende para futuros jornalistas.

Ou o Sr. da "Voga" pensa que nós somos parvos? Pensa que nós nos calamos só pelo Sr. dar uma resposta enrodilhada? Se pensou que somos parvos, fez um mau juizo e conhece mal quer o arrojo, quer a juventude, quer a inteligência dos que trabalham no "RUMO". Se conhecia o "RUMO" e sabia isto, o Sr. da "Voga" é... é... — como lhe havemos de chamar por, reconhecendo a sua culpa, não se reduzir ao silêncio? Mas o Sr. da "Voga" teima em dizer tolices... E toma um copiado estilo irónico, mas usa-o com a elegância que um crocodilo tem a andar. Ora como o Sr. da "Voga" mora na categoria dos impenitentes, nós vamos tentar um último remédio para o fazer confessar o seu pecado ou abaixar o narizinho impertinente (falo em sentido figurado).

"Quem não deve não teme" sentença o povo. Nós não estamos em dívida com a justiça. O Sr. da "Voga" também deve jurar que não está. Portanto, propomos à "Voga" que ostente nas suas colunas os nossos comentários e que nós transcrevamos no "RUMO" os da "Voga". Nós não tememos fazê-lo. E o Sr.?

Agora, desafiamos o Sr. jornalista a que nos responda se é ou não verdade o seguinte:

1.º—O n.º 56 da revista "Voga", em reportagem sobre Espinho, afirmou que esta vila, "sem Armando Crespo, não passaria de uma modestíssima praia de clima admirável e nada mais";

2.º—Os únicos homens citados, na "tal" reportagem, como representantes de Espinho foram (além dos Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal, estes natural e justamente) os Srs. Armando Crespo, (co-proprietário do Casino de Espinho), Alberto Bastos Maia (vereador da Câmara), Mário Borges (proprietário do Café-Restaurante Palácio), Leonel de Jesus Lázaro (gerente do Balneário), Joaquim Paredes Alves (director do Palácio Hotel), Benjamim da Costa Dias (director do jornal "Defesa de Espinho");

3.º—Na "tal" reportagem, nem sequer vieram os nomes de outros autênticos e maiores valores de Espinho, como por exemplo: entre os falecidos—Augusto Gomes, Dr. Castro Soares, Fernan-

do de Bourbon, Henrique Brandão, Sá Couto Moreira, Marquês da Graciosa (todos estes promotores da criação do concelho), Pires de Rezende, António de Oliveira Salvador, João Francisco da Silva Guetim, (elementos da dinâmica e primeira Câmara espinhense), Manuel Laranjeira, (genial dramaturgo e grande poeta), Dr. José de Oliveira Salvador (antigo Presidente da Câmara e grande fomentador do desenvolvimento de Espinho), Dr. Joaquim Pinto Coelho, Almirante Jaime Afreixo (Ministro do Interior que trouxe a Espinho as freguesias), etc., etc. Entre os vivos:—Dr. Calheiros Lobo e seus irmãos, Manuel Pinto Bizarro e outros (promotores da construção da Grande Piscina-Solário), maestro Fausto Neves, Doutor Arnaldo de Miranda Barbosa (professor da Universidade de Coimbra e autoridade nos assuntos da Gnoseologia), Dr. Augusto de Castro Soares (ex-Presidente da Câmara de Espinho onde teve uma vasta e benéfica actuação, ex-Governador Civil de Coimbra, Director Geral dos Serviços de Saúde e Higiene), Manuel Joaquim Simões Pedro (ex-Presidente da Câmara e incansável trabalhador por Espinho), Mário Ribeiro (ex-concessionário do jogo; doador, a Espinho, do coreto e da estátua do Soldado Desconhecido; principal impulsionador da criação do campo de aviação em Espinho; etc.), Carlos de Moraes (distinto poeta e autor teatral), Abade Amaral (que tornou possível o magestoso templo espinhense),

4.º—Na "tal" reportagem, o retrato do Sr. Armando Crespo vem antes das entidades oficiais e de todos mais, no topo da página e com o nome em letras enormes e grossas (como os outros não alcançaram...);

5.º—Na "tal" reportagem, fala-se, ridiculamente, na "tão santa bolsa" do Sr. Armando Crespo, ao qual a "Voga" chama "figura inconfundível de Homem de acção enérgica", "singular benemérito", "admirável exemplo de bondade", "alma nobre, de sentimentos mais que bons", etc.

6.º—Na "tal" reportagem, delira-se, proclamando que "as entidades oficiais que superintendem no desenvolvimento do Turismo em Portugal" têm, no Sr. Armando Crespo, "um dos melhores e mais notáveis colaboradores", o qual Sr. Armando Crespo, "no campo da benemerência, ocupa o primeiro lugar" (Maestro Fausto Neves!, cedalhe a comenda da benemerência que o Estado erradamente atribuiu a si!);

7.º—A "tal" reportagem desentranha-se em adjectivos elogiadores para os Srs. Mário Borges, Leonel de Jesus Lázaro,

Joaquim Paredes Alves, Benjamim da Costa Dias;

8.º—Na "tal" reportagem, classifica-se a "Defesa de Espinho" como "um grande jornal" e a figura do Sr. Benjamim da Costa Dias é posta nos corninhos da lua;

9.º—A "Voga", com a "tal" reportagem, diminuiu a importância natural de Espinho e o trabalho dos homens que fizeram de Espinho a grande localidade que hoje é (e isto prova-se nas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 6.ª afirmações);

10.º—A "Voga", na "tal" reportagem, deturpou a realidade, exagerando umas coisas e omitindo outras importantes;

11.º—A "Voga", no n.º 58, correspondente ao mês de Agosto, critica os comentários que lhe fizeram no "Diário de Coimbra", em 24 de Setembro e no "RUMO" de 31 de Setembro (isso é que é ser profeta ou bruxo ou adivinho!, caramba!);

12.º—A "Voga", no n.º 58, continua a mentir, a deturpar, a usar de má-fé, a ser ora venenosa ora estúpida, pois nos assaca ou ao correspondente do "Diário de Coimbra" a responsabilidade de chamar a "RUMO" "publicação orgulhosa" e "sólido e jovem baluarte da imprensa regionalista" e quer ele quer nós, falando em orgulho, apenas nomeamos "RUMO" como "publicação orgulhosa do seu espírito de independência";

13.º—A "Voga", no n.º 58, refere que o Sr. Armando Crespo tem servido "cooperando com real valor no engrandecimento da terra e do seu futuro" e a "Voga" empregando o verbo cooperar desdiz e contradiz o que ostentava no seu n.º 56 e que citamos na 1.ª afirmação;

14.º—A "Voga", no seu n.º 58, asneiraticamente, zomba que "RUMO" "dá força, dá prestigio ao país", "é destino de Portugal e de todos nós", "sem RUMO Espinho não existiria", etc.; e nem nós nem o referido correspondente dissemos algo daquilo;

15.º—Apesar da ironia parva da "Voga", apesar de não nos arrogarmos o papel de "destino de Portugal", apesar de não sermos o "grande jornal" que é a "Defesa de Espinho" (assim lhe chamou a "Voga" no seu n.º 58), sempre somos uma publicação onde não desdenham colaborar nomes como José Régio, Alfredo Pimenta, Pedro Homem de Mello, José Marmelo e Silva, Amorim Girão, Fernanda de Castro, Roberto Nobre, Jorge Pelayo, João Gaspar Simões, Teixeira de Pascoais, Mestre Joaquim Lopes, Carlos Carneiro, Sebastião da Gama, Alberto de Serpa, Amorim de Carvalho, Narciso de Azevedo, Carlos de Moraes, etc., etc.;

16.º—A "Voga" vomita que nós nos desesperamos pela homenagem a Armando Crespo e que somos "invejosos", "pobres de espirito" e "destemperados" quando nós só nos doemos pela injustiça, pelas deturpações e pelo insulto feito a Espinho e aos seus valores;

17.º—A "Voga" n.º 58 fala dum "sector de opinião discordante" da pseudo-reportagem da revista; ignoramos esse sector, mas podemos afirmar que no discordante estão os melhores e mais representativos de Espinho como podemos provar com assinaturas contra as quais a "Voga" apresentará assinaturas...;

18.º—A "Voga" continua a ser redigida num péssimo português, a publicar crimes de lesa-poesia e de lesa-arte, a ser um "cozinhado" que tem algo de salada russa e de enrodilhado palanfrório.

Ao fim deste calvário, ao fim de analisar este sudário de chagas, revoltados com este sintoma claro de escuríssimas atitudes e destes tempos decadentes e desvairados e materialistas, continuamos em nosso RUMO dispostos a calcar todas as serpentes que nos empecam o caminho e não calar nunca a verdade e a justiça, a não transigir nunca em deixar passar os conformismos e as baldalheiras, a ser jovens, estudantes, académicos, audazes e a chicotear o mal esteja ele onde estiver e disfarce-se como disfarçar! Tenha a certeza disso, ó Sr. jornalista da "Voga".

Dos artigos do "RUMO" publicados sobre a "Voga" e sem assinatura, a responsabilidade pertence à direcção do jornal. Mas talvez lhe interesse saber que o autor deles é

Florentino Goulart Nogueira

## ATITUDES DUMA RECITADORA

Continuado da pág. 5

varados de espanto e feridos voltaram Carlos de Moraes, Goulart Nogueira e António Gaio, voltaram a Espinho para se retemperar, no bendito ar salino, do abafadiço da cidade.

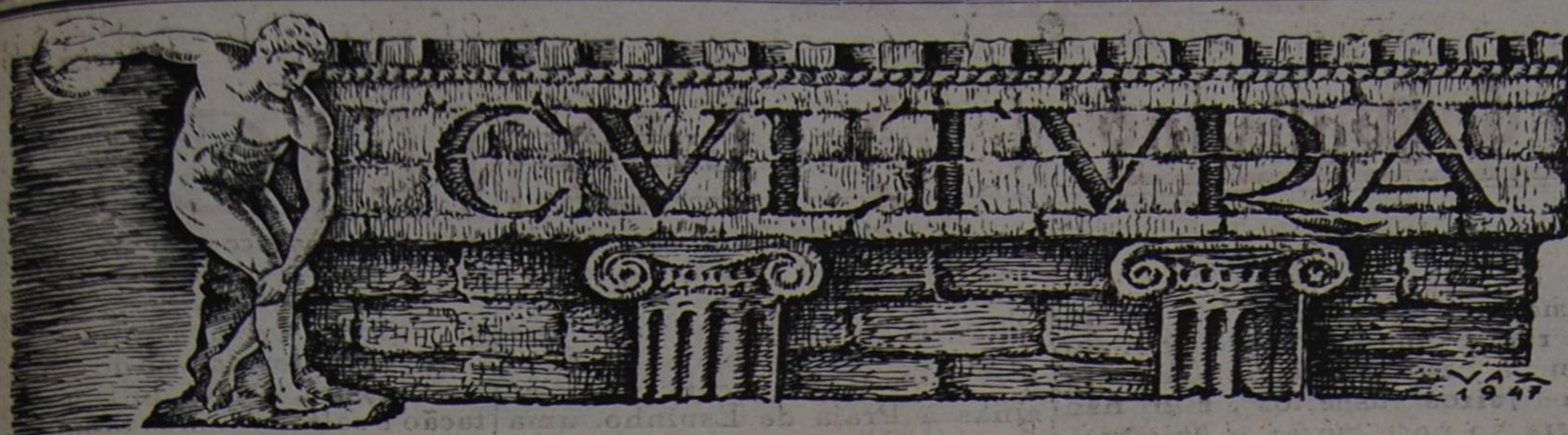
Ainda hoje há sebastianistas? E' que nós estamos à espera da tal resposta de D. Maria Manuela Couto Viana, ilustre recitadora, que nos iludiu a confiança.

Cada leitor pode, como quiser, classificar o procedimento aqui descrito. Nós... apenas lamentamos profundamente.

Leia, Assine e Propague

R U M O





## Libertação

Fantasia de *Emílio M. da Costa Rosa*

Fim da tarde, duma cálida e preguiçosa tarde de verão... Há momentos se afundara o sol e reinavam ainda castelos brancos e vermelhos no fundo azul-brilhante do céu. O mar, verde e fundo, laivado de branco e oiro, ora arremetia, ora rosnava, ante a areia de cristal e pó...

Eu, que vagueara durante algum tempo naquela solidão, sentei-me, por fim, indolentemente, na areia úmida e mole.

E, enquanto construía e imaginava visões, romances, poesias, fui, lentamente, perdendo a noção de tudo e, em êxtase, adormeci... E sonhei...

... Eu sou príncipe dum reino estranho, dum reino diferente e pequenino. Pequeno, porque consiste, apenas, numa colina, onde o casario parece escorrer, lentamente, como lava, do meu antiquíssimo castelo. Um reino estranho, pois aqui tudo possui cores vivas, espargindo, perdulientemente, a alegria e lembrando o prazer. Não há uma parede branca, um bosque verde-escuro e nunca tampouco, chove... Mas, coisa mais estranha ainda, a minha cidade gargalhante e fútil parece sempre adormecida ou até desabitada. No entanto, nunca me foi dado verificá-lo, porque me é vedada a saída do castelo. Desde que me recorde, só vejo as faces de pedra coruscantes dos criados, mecanizados e idiotas. E assim, tenho, somente, prazer, nas horas em que me é permitido chegar às ameias, donde observo, radiante, com o binóculo, todo o mundo (estreito ainda) que existe para além da minha prisão.

Não sei bem o que há para aí, mas atraem-me as nebulosas distantes, as montanhas azuladas como o fumo, onde se perde a estrada que sai do meu reino.

Mas... que espanto! Que alegria! Sim, além! Será, de facto? Sim, através das lentes potentíssimas, além, quase adivinho uma cidade de bruma, perdida num vale verde e rico...

Em mim soa, agora, o grito de: «Libertação!» Eu vejo que é além, na cidade do mistério, o lugar ideal para eu viver! Fugir! Fugir! Sim, já resolvi: amanhã, quando a noite bater as asas ne-

gras, eu fugirei, da prisão! Tudo dormirá ainda e eu só terei que seguir a estrada...

Amanhece e o sol maldito rutila já no horizonte. Finalmente, livre! Apetece-me gritar, bailar doidamente, correr! Livre! Livre! ... Há longas horas que caminho e nada vejo, ainda... Vou cansado, mas não desisto! Tenho sede de água e de esperança...

O meu caminho... largo e quente. Muito largo e muito quente... Estrada serpenteando por entre angulosidades, rasgando o ventre da terra e da rocha. Luz de rara intensidade, cores vivas, brilhando de fogo, contrastes crus. Amarelo, azul; amarelo, do pó da estrada, recobrimdo a rocha viva, amarelo, do sol que distende os seus raios em manancial de oiro fundido; azul, do céu, largo, imenso, ferindo os olhos com a regularidade da cor, sem outro tom que a amacie...

Não se vê uma árvore, um arbusto que sombreie a larga e estéril passagem; não há montes, não há torres; para sombra, só a das rochas, de arestas vivas, gritantes como navalhas!

Mas ainda tenho esperança! Eu sei que a minha cidade existe, a cidade da bruma e da tristeza, da calma... Talvez do fim desta recta longuíssima, naquela curva arriscada, se aviste já. Com novo alento, marcho sempre, trôpego, suado, enfebrecido...

Finalmente, parece-me ver qualquer coisa! Além, ao fundo, no vale, lá está ela! Silêncio! Embora o meu coração palpite com força, a minha boca não sabe cantar, nem os meus olhos, rir... Silêncio! Estranho! O nevoeiro tão baixo, roçando os telhados? Não, é espantoso! E fumo! Corro desvaído, sangram-me os pés e o suor corre-me, sanguinolento, de todo o corpo! Não posso crer, não quero crer! A cidade de bruma, a cidade de sonho está arrasada há muito, e alguém, há pouco, vandálicamente, lhe lançou fogo...

Acordo, estremunhado. E' noite, e no mar, ao longe, o farol dum barco, tremeluz no nevoeiro...

Outubro de 1948.

## Defesa de algum DOGMATISMO

Continuado da pág. 10

directos de conhecimento, só acho três, no Homem: os *sentidos*, os *instintos* e a *emoção*. Elaboradora e transmissora do conhecimento adquirido, fica-nos a *inteligência*. Motora e realizadora, temos a *vontade*. Dos instintos, nada posso afirmar, por enquanto: no actual estado das conclusões humanas, ainda não foi possível usar, em favor do esclarecimento deles, os conhecimentos por outras vias adquiridos. Dos sentidos, concluí que nos dão falsas ou falíveis e nunca determináveis verdades. Restava-me a emoção que, sendo simples, totalitária, essencial e gêmea com o modo de ser dos outros seres, nos podia fornecer esse mesmo ser, mostrando-nos por conseguinte os seres e encaminhando-nos para o totalmente possuidor mergulho no Ser. Todo o conhecimento racional não é, pois, directo, mas assenta no conhecimento experimental (ou sensualista ou emotivo). Dou o sensualista como errado ou falho. Aceito o emotivo. Concluo que as verdades racionais assentam sobre conhecimentos emotivos. Pois as conclusões racionais assentes sobre conhecimentos sensualistas (premissa falsa), se o raciocínio foi bem construído, são falsas.

Já aqui se disse que «cada ciência só contém ciência na medida em que contém matemática» (4). «A ciência procura descrever de modo conciso, matemático e compreensível o nosso mundo e selecciona o seu material tendo em vista este seu objectivo» (3). Eu traduzo isto assim: A ciência só é verdadeira no que tem de matemático. Ora a Matemática não geométrica (5) é raciocínios de base e de raiz emotiva, como aqui estudaremos.

O espaço não permite mais. Desenvolverei o que aí deixo afirmado. Hoje termino, com S. Tomás de Aquino e a Igreja Católica, afirmando dogmáticamente a possibilidade do Homem para conhecer as realidades e o mundo exterior, e, com Chesterton, dogmáticamente termino: «Quem se propuser discutir qualquer coisa, deve sempre começar por se referir àquilo que não discute. Antes de apresentar o que se propõe provar, terá de apresentar aquilo que já considera como provado» (2).

E neste artigo se lê a planta

## CONHECIMENTO FÍSICO

Sua forma e seu âmbito

Continuado da pág. 1

eles e a explicação faz-se então através dessas forças e potências, como a «força de gravidade», a «força viva», a «actividade química», etc...

Passou-se então da fase «animista» à fase «metafísica» que por seu turno vem a dar lugar à fase «positiva» da Física em que o homem desiludido nos seus anseios de encontrar a explicação que lhe mostre o porquê dos fenómenos, acaba por concluir pela impossibilidade de a encontrar, ou pelo menos de encontrar uma explicação inteligível. O âmbito da Física reduz-se desde então a encontrar as razões entre as grandezas, as relações entre os fenómenos e as leis gerais que sintetizam o maior número possível dessas relações e sejam afinal unicamente um padrão, o mais completo possível, de universo.

Porque foi o homem levado a desistir de encontrar essa explicação tão ansiosamente procurada e se resignou afinal a confessar a sua incapacidade para a achar ou compreender se por acaso a pudesse alguma vez encontrar?

Para dar uma possível resposta a esta pergunta, de importância fundamental no conhecimento científico, teremos de analisar questões como as seguintes:

— Como se processa o conhecimento no espírito humano.

— Porque se tornam inviáveis as tentativas de explicação do universo sucessivamente apresentadas e abandonadas.

— Como a própria natureza dos processos de conhecimento é incompatível com qualquer possibilidade de explicação.

Conclui no próximo número

António Nunes das Neves

### Erratas importantes

Dentre as gralhas que assaltaram o número anterior do «RUMO», queremos destacar as seguintes:

— no artigo de Literatura, na pág. 10, na linha 20 da 1.ª coluna, onde se lê *popularismo* deve ler-se *populismo*;

— na 2.ª coluna do artigo sobre a História da Hungria, na linha 6.ª antes de terminar, onde se lê *Bela III* deve ler-se *Bela IV*.

da possível construção que é a «Defesa de algum dogmatismo».

(1) «Dogme et Critique» (Edouard Le Roy)—2.ª edit., Paris, Librairie Blonde, 1907.—pág. 6.

(2) «Ortodoxia» (Chesterton)—Tavares Martins, 1944—págs. 40 e 4.

(3) «A Quadrupla Visão» (Sherwood Taylor)—Quadrante, 1947—págs. 10 e 11.

(4) Citação de Kant, feita pelo Dr. A. Nunes das Neves, no artigo «A Matemática» (RUMO n.º 15).

(5) Os meus conhecimentos actuais ainda me não permitem afirmar ou negar o mesmo quanto à Matemática geométrica.

P. S. para Pedro Manuel—Prefiro não retribuir os amáveis nomes feios que me endereça na sua «Primeira fila» de hoje. O meu amigo, todavia, antecipou-se; e, dogmáticamente, repeliu o meu artigo, mesmo antes de o ler e de raciocinar sobre ele, e, dogmáticamente, barafusta que o dogma é «imposição, desejo de escravizar, avidez de mando, intransigência».

## DIRECÇÃO CULTURAL

A seu pedido, deixou, desde este número, de dirigir a Secção Cultural do «RUMO» o Sr. FLORENTINO GOULART NOGUEIRA.

# Defesa de algum dogmatismo

por FLORENTINO GOULART NOGUEIRA

Houve quem discordasse de alguns escritos meus sobre Filosofia e os envolvesse na reprovação que atiravam à doutrina católica pelo seu dogmatismo. Parece-me que, na base de tudo isso, há uma confusão à cerca do dogmatismo e da Filosofia. Uma pessoa chegou a confessar-me a sua crença num flutuar dos conhecimentos e que o facto de ignorarmos certas coisas, hoje, não significava dar-lhes uma solução intelectual. Ora vamos tentar esclarecer o problema. Escreve Edouard Le Roy, em livro<sup>(1)</sup> condenado em 26 de Julho de 1907 pela Sagrada congregação do Índice, que «um dogma é uma proposição que se dá por si mesma como não sendo provada nem provável». Mas o facto de um dogma, em si mesmo, não poder ser provado não quer dizer que se não admita como verdadeiro. Realmente e exemplificando, a Igreja Católica afirma que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade incarnou, tomando a natureza humana. O facto, destacado do conjunto doutrinário, não pode ser provado nem pela razão nem pela experiência sensitiva: Ninguém compreende como isso fosse (eis um mistério) nem experimentou com seus sentidos o conhecimento.

Posso, porém, provar a necessidade, objectiva e lógica, da encarnação. E posso provar, racionalmente, que temos de admitir os mistérios e que em certas circunstâncias tem de existir, indispensavelmente, o mistério. Dado isto, tenho de admitir o dogma da encarnação (verdade revelada por Deus). Se a minha razão me diz: é forçoso que Deus se fizesse Homem continuando também a ser Deus, e é forçoso que o facto de ser Deus e Homem seja um mistério, e é forçoso que nas coisas mais profundamente divinas e infinitas a razão humana e finita não penetre — se tudo isto, a razão dá-me como verdadeiro o dogma da encarnação. Por outro lado, se a minha razão me diz: é forçoso que haja coisas divinas e incompreensíveis mas cognoscíveis, é forçoso que haja Deus, é forçoso que haja relações entre Deus e o Homem, é forçoso que Deus seja verdadeiro, é forçoso que a Igreja Católica seja verdadeira, é forçoso que a verdadeira religião possua a assistência divina, é forçoso que a Igreja Católica, como verdadeira seja infalível e tenha autoridade para definir o dogma (eu não disse: para criar), — se tudo isto, a razão dá-me como indispensável o dogma: isto é, a própria razão me ensina que há limites para a razão e que há verdades que se podem conhecer sem compreendê-las (e donde elas nos devam chegar).

Concluindo: certas proposições não provadas nem prováveis, em si mesmas, podem ser, pela razão, admitidas e dadas como necessárias. E meditemos nestas

frases de Chesterton: «O grande perigo é que o intelecto humano tem a liberdade de se destruir a si mesmo. Assim como uma geração pode evitar a existência da geração seguinte, se todos entrarem para um convento ou se deitarem ao mar, assim também um grupo de pensadores pode, de certo modo, evitar que se pense para o futuro, ensinando às gerações vindouras que o pensamento humano não tem valor algum. E' ocioso falar da alternativa da razão e da fé. A razão é já de per-si matéria de fé. E' um acto de fé o afirmar que os nossos pensamentos têm qualquer relação com a realidade.

.... A razão acompanha a religião, porque ambas são da mesma natureza primária e autoritária. Ambas elas são métodos de prova em si mesmo improváveis».<sup>(2)</sup>

Contudo, opondo-se à religião e ao dogma, existem alguns talvez materialistas e, de certeza, devotos da Ciência. O argumento que empregam ou é céptico ou é dogmático. Efectivamente, eles alegam: «Se hoje não encontro explicação natural ou científica para determinados fenómenos, ninguém me pode afirmar que, amanhã, a Ciência não os explique»; ou: «Se hoje não encontro explicação científica para certos fenómenos, acredito firmemente e afirmo que a Ciência, amanhã, explicá-los-á todos».

Se nos conservarmos na primeira proposição, sem pensarmos na segunda, veremos que, contra uma possibilidade, a razão nos dá uma certeza: a solução religiosa ou racional. Protestam os devotos da Ciência que só posso crer naquilo que a experiência me fornece; mas, ao falar em experiência, eles pensam, apenas, na experiência sensualista e repelem a experiência emotiva, (mística, artística, etc.); e nenhum deles conseguiu ainda libertar-se, por completo, da grilheta da inteligência. O cientista «procura encontrar para si e para os outros a mais completa expressão do mundo exterior perceptível, com a maior economia possível de pensamento»;<sup>(3)</sup> Mas usa-o. Se, portanto, o cientista desdenha do pensamento para só crer na experiência sensualista, não pode sequer construir ciência; se tenta provar a falsidade do pensamento, usa o pensamento; se renuncia a tal, para fazer profissão de fé na experiência sensualista, faz dogmatismo.

Eu, por mim, segui este caminho:

Toda a realidade ou se nos apresenta ou não se nos apresenta. A que se nos apresenta é uma realidade conosco: eis o conhecimento. Para ter uma realidade o mais próximo possível do que ela é, precisamos de a apanhar com algo que seja idêntico e adaptável ao ser dela, ao seu modo ou posição no Ser. Instrumentos

Continua na pág. 9

# SONETOS

## Brasil

(A Gilberto Freyre, o maior sociólogo da América, pelo seu livro «A Interpretação do Brasil»)

A tua não sonhada formosura,  
Terra, onde ouvi as raças irmãmente  
Falando a nossa língua branda e pura,  
Não vem da Natureza unicamente...

Porque afluí, nos dramas da aventura,  
De todo o Mundo aí o sangue ardente  
E, como num cadinho, se mistura  
A fogo que o combina intimamente!

Cântico modelado em luz e som  
Da rude Natureza, sedução  
Da riqueza e da força juvenil,

Milagre em que o Amor brilha e transforma,  
Duma divina, humana e doce forma,  
O sangue estranho em alma... do Brasil.

Antônio Ferrreira de Barros

## Meus Versos

Meus versos são de cinza esparsa ao vento,  
Por onde vogam sós, em harmonia;  
Não há luz que os destrua, ou pensamento  
Evitando que nasçam, algum dia...

Sinfonias de amor e encantamento,  
De cor verde e cinzenta que amacia  
O vermelho e o amarelo (o meu tormento!)  
Que, outrora, dominar jamais podia!

Meus versos são eu todo: a minha alma,  
A minha natureza quente e calma,  
As ambições ardentes do meu peito!

Eu faço-os para mim e sou só deles,  
Mas também os escrevo para aqueles  
Que os sonham, mas sem nunca os terem feito!

Emílio Machado

## Ultimo andamento

Bailam no ar em voos caprichosos  
As gaivotinas sobre as águas mansas...  
Oíço canções de amor, deliciosas,  
—Prelúdios de harmonias e de esp'ranças!

Todo o ar que respiro me consola,  
Tudo o que é belo, assim, me satisfaz.  
E, orando, peço a Deus sempre esta esmola  
E bendigo esta calma e esta paz!

Tens anseios, bem sei, das coisas novas,  
Dos mundos que não vês... mas ouve as trovas  
Dum velho apaixonado que viveu,

Que amou tanta mulher, num vão desejo  
E que sabe, vê lá, que o melhor beijo  
Foi aquele, afinal, que nunca deu!...

Abel de Oliveira